

seis poemas

Maílson Furtado Viana¹

das amizades distantes²

o poeta escreveu algo
que agora não lembro de cor
mas o li
outros também
e depois outros e outros e outros
e pararipararaparara

ficou famoso
saiu no jornal
fez pose de importante
e a vida voou voou

fiquei amigo dele
depois de o matarem
no século dezenove

*

¹ Cearense. É autor, dentre outras obras, de *à cidade*, obra independente vencedora do Prêmio Jabuti 2018 - categoria Poesia e livro do Ano. Em Varjota|CE, cidade onde sempre viveu, fundou a CIA teatral Criando Arte, em atividades desde 2006, onde realiza atividades de ator, diretor e dramaturgo, além de produtor cultural da Casa de Arte CriAr. Possui obras publicadas em jornais, revistas e antologias no Brasil, Portugal e França e mais de 10 textos encenados no teatro. E-mail: mailog10@hotmail.com.

² Publicado inicialmente no livro *Passeio pelas ruas de mim (e de outros)* (Edição Independente, 2018).

crônica de um homem de fé³

não era de frequentar igrejas
mas era crente nalguma coisa

na volta do trabalho
na barraca de cachorro-quente
um senhor discursava
preâmbulos do fim do mundo
– o juízo final se aproxima

sentiu medo

ao chegar em casa
perguntou à mulher
como se rezava o pai-nosso

*

³ Publicado inicialmente no livro *Passeio pelas ruas de mim (e de outros)* (Edição Independente, 2018) e em *ELE*, (Edição Independente, 2020).

por causa do alvará de funcionamento⁴

as casas

as ruas

cheiravam

fediam

apodreciam

tinham cheiro de feijão às quinze pro meio-dia

cheiro de cigarro às seis e tanto

gosto de sexo depois das dez

fediam ao uso

hoje

são estéreis

sovinam sussurros

se afogam em antidepressivos

se negam morrer

são hipócritas

*

⁴ Publicado inicialmente no livro *Passeio pelas ruas de mim (e de outros)* (Edição Independente, 2018).

no teatro tudo é presente
700 anos a 10 metros
e qual o quê velocidade da luz
piada. piada.

a cortina a guilhotinar o tempo
a vida toda a caber naquele oco de mundo
e nós
a 10 metros de tudo

por trás num bar
num quarto de apartamento
numa parada de ônibus
ou mesmo assistindo a gente
estamos
nem coubemos na vista
deve ser coxia
camarim
qualquer canto sem luz
qualquer canto sem nome

a vida ali toda cabe
não se sabe do tempo
(nem se vê, parece)
não se sabe muita coisa

*

poeminhas de amor

I.

tu tão amanhã
eu tão instante

conjugamos o tempo
vivendo

II.

– a gente tão longe
– ‘tá bonita a lua hoje
– ‘tá mesmo, ‘tá linda

haikai ao telefone

*

varjota era tão perto
do mundo

soubemos

depois disso
tudo ficou mais fácil

*